

Avaliação de danos em órgão-alvo em pacientes com hipertensão: métodos e aplicabilidade



Além da identificação de outros fatores de risco, na avaliação de pacientes hipertensos, é fundamental reconhecer o dano em órgão-alvo. A manutenção de níveis pressóricos elevados dentro do compartimento vascular por longos períodos tem como consequência a disfunção em diversos sistemas. O dano renal, as doenças cerebrovascular e vascular periférica, a cardiopatia isquêmica e a disfunção ventricular, dividida entre hipertrofia e perda da capacidade contrátil do ventrículo, são tradicionalmente pesquisados. Esta estratégia determina um desenho mais exato do perfil prognóstico do paciente hipertenso e abre a perspectiva de uma melhor abordagem terapêutica. Pode-se definir qual é o agente hipertensivo ideal e qual é o melhor alvo pressórico.

Por ser uma questão ampla, aventa-se a possibilidade de utilizar diferentes métodos complementares. Atualmente, expandem-se os métodos e as recomendações para a sua utilização. Salienta-se que em parcela significativa dos pacientes não existe manifestação clínica da repercussão dos sistemas afetados e, portanto, muitas vezes se utilizam métodos diagnósticos como meio de triagem, acarretando aumento de custo e risco. Cabe ao clínico reconhecer quais os métodos mais úteis para orientar a estratégia terapêutica de seu paciente hipertenso.

Foi como um desafio que aceitei o honroso convite de ser o Editor Convidado do presente número da nossa **Revista Brasileira de Hipertensão**. O espaço é limitado para tantos métodos que hoje se apresentam como ferramentas úteis na estratificação do paciente hipertenso. Resolvi escolher métodos que já são amplamente recomendados pelas diferentes diretrizes, como a eletrocardiografia ou avaliação da função renal. Com isso, podemos otimizar esses métodos tradicionalmente utilizados por todos os profissionais que participam do desafio de cuidar de pacientes hipertensos. Por outro lado, métodos como ecocardiografia e avaliação da espessura das carótidas por ecografia não são tão amplamente recomendados, mas são cada vez mais utilizados. Portanto, esses são os métodos dos quais devemos tornar-nos cada vez mais íntimos. Por fim, existem novas tecnologias que podem ser utilizadas e que melhorariam ainda mais a capacidade de estratificar hipertensos. A ressonância magnética, tradicionalmente abordada na avaliação específica da cardiopatia isquêmica ou de algumas miocardiopatias, deve ser pensada como um instrumento promissor, mesmo no contexto do atendimento diário da hipertensão arterial sistêmica.

Neste amplo matiz foram escolhidos colegas que no seu dia-a-dia trabalham com esses métodos, pensam neles e os utilizam na abordagem de diferentes situações dentro da doença vascular. Foi-lhes solicitado que fossem enfocados aspectos diretamente ligados à hipertensão arterial sistêmica. Gostaria de agradecer a eles por terem aceitado o meu convite e por terem apresentado um material que julgo ser de ótima qualidade.

Acredito que as informações contidas nesses seis artigos facilitarão, de alguma forma, o trabalho daqueles que estão na linha de frente do atendimento de pacientes hipertensos.

Boa leitura!

Miguel Gus
Editor Convidado